

## CASULO-ONTEM, BREVE ANÁLISE DE MEDUSA

Emaxsuel Roger Rodrigues<sup>1</sup>

### Começo...

Há quase uma década poderíamos encontrar o primeiro volume desse casulo do tempo<sup>2</sup>. Uma revista para compartilhar o espaço com outras e concorrer com elas em filosofias, escolhas, irreverências. Há quase uma década surgia no cenário nacional o resultado de um projeto de parceria entre três poetas (Ricardo Corona, Ademir Assunção, Rodrigo Garcia Lopes) e uma artista plástica (Eliana Borges). Projeto esse de nome “**Medusa** Revista de poesia e arte”. Uma revista sobre poesia e arte nesses tempos de cultura de massa, nesses tempos de internet, nesses tempos em que tudo é possível de ser divulgado ao grande público e ser acessado por ele; nesses tempos em que ainda se refletem badalações críticas e poéticas ocorridas em décadas passadas. Tempos de consumos efêmeros, do mais do mesmo, de presente instantâneo se configurando como lembrança, sendo evocado ao mesmo tempo de sua realização. Esse *modernariato*, de que falou o filósofo Paolo Virno, “com vistas a denunciar o excesso de memória vivido pelo sujeito e a conseqüente transformação do real em tempo virtual<sup>3</sup>.” Excesso de memória já discutido por Borges, tempos atrás, com seu personagem *Funes*, um indivíduo que não esquecia de nada e por isso não conseguia viver o presente. É neste cenário, não tão distante, que divindade primordial, uma mulher com cabelos de serpente, surge como um ícone possível para a diversidade e transforma-se num casulo, hospeda *lagartas-textos-poemas* ao mesmo tempo em que os petrifica, os arquiva, os penhora ao futuro.

Podemos pensar que a cena de dez anos atrás é confeccionada por várias linhas de discursos tramadas por outras revistas que também se

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teoria Literária pela UFSC.

<sup>2</sup> O termo “casulos do tempo” foi emprestado (parodiado) de um texto de Susana Scramin publicado na Revista Inimigo Rumor nº 15.

<sup>3</sup> Paolo Virno. El recuerdo del presente. Tradução feita por Eneida Maria de Souza. In: Crítica cultural em ritmo latino.

dedicaram a publicar poesia, crítica e arte como **Bravo**, **Cult**, **Azougue**, **Inimigo Rumor**, **Monturo**, dentre outras. Algumas permanecem atuantes no mercado editorial e, como conseqüências, sofrem alterações em seu formato. É o caso, por exemplo, da revista **Azougue** que deixou de ser um fanzine reproduzido manualmente e se tornou uma revista que leva o nome de uma editora. No editorial do seu oitavo exemplar, os editores já alertavam para a ideologia que acompanha a revista: “permanecer por suas mudanças”.

Outra revista que também continua a ser editada é a **Inimigo Rumor** e junto com **Azougue** “quase delineiam” duas tendências para novas revistas que vêm surgindo no decorrer da última década. Uma mais formal, com caráter de livro e sem ilustrações ou veiculação de artes plásticas, com ares bastante acadêmicos (exemplos da revista **Cacto**, **Sibila**, **Babel**) e a outra trabalhando com contrastes, um pouco mais de irreverência, com intervenção das artes plásticas (exemplos **Medusa**, **Coyote**, **Oroboro**, **Ácaro**). “Quase delineiam”, pois se fossemos pensar que **Medusa**, por exemplo, segue uma suposta linhagem da revista **Azougue**, teríamos que enquadrá-la e encaixotá-la, o que destoaria da proposta de um projeto que tentou apresentar e valorizar o diferente, o novo, o dissidente. E porque ainda que em **Medusa** circule alguns poetas publicados pela **Azougue**, também tem espaço para poetas que são publicados pela revista **Inimigo Rumor**.

Claro que a discussão levantada anteriormente vai mais além do que o exposto, pois se faz necessário afastamento temporal maior para uma melhor análise. O que temos em mãos são revistas transformadas em editoras (editora *Azougue*, editora *Medusa* criada depois de término da revista) ou com o apoio delas (a revista **Inimigo Rumor**, na atualidade, é publicada pela editora *CosacNayf*) que se dedicam a publicar poetas e podemos depreender desse fato que as editoras, numa interpretação geral, continuam o trabalho anunciado pelas revistas.

Esse é o processo (quase natural?), discutido por Derrida<sup>4</sup>, de institucionalização de um arquivo. Não deixa de ser importante ressaltar que **Medusa** nasceu com número definido de edições (dez ao total, publicadas entre novembro de 1998 e abril de 2000 trimestralmente) patrocinadas pela

---

<sup>4</sup> Jacques Derrida. *Mal de Arquivo – Uma impressão freudiana*.

prefeitura de Curitiba. Fato que contribuiu para que o projeto da revista já nascesse como um arquivo institucionalizado (as edições iriam acontecer mesmo sem boa aceitação por parte da crítica ou do público).

Continuar olhando para a última década é encontrar revistas que apresentam ideologias, expectativas de legitimação de discursos, conceitos sobre o fazer poético, além de transformar poemas, biografias em arquivos. Temos também revistas que exploram muito a palavra “diversidade”, pelo menos as revistas que se posicionam ideologicamente nos seus editoriais. Propostas como a da revista **Monturo** que “se propôs a explorar a diversidade de uma nova poesia brasileira – de qualidade. Diversidade: procura de caminhos incertos em meio à estagnação e às escolas, congeladas no tempo mas *presentes* no espaço.”<sup>5</sup>

O que se pode tirar desses trechos de editoriais é um bom material para pensar no que diz Maria Lúcia de Barros Camargo sobre essas tramas de dicções, congregações, rivalidades, discussões, passagem de tempo e de bastões encontrados nos periódicos, manuais que nos servem de pesquisa por serem termômetros sobre as produções de um período:

Nestas últimas décadas, período de intensas mudanças, a atividade cultural brasileira viveu momentos agônicos e antagônicos, momentos de prosperidade e de refluxo, euforias e depressões. Linhagens críticas e literárias formadas nas décadas anteriores se consolidaram, outras se constituíram, se dispersaram, se reagruparam, se opuseram. Valores críticos foram revistos, revisão pontuada, frequentemente, pela discussão sobre o papel e a função do intelectual, da literatura e das artes num cenário político-social em mutação, no qual as relações com a sociedade de consumo e a cultura de massa não podem mais ser ignoradas. Processos de mudança, de fim de século, que se explicitam na trama dos discursos que tecem a diversidade dos periódicos.<sup>6</sup>

Mas como entender essa trama de discursos tecendo a diversidade de uma revista como **Medusa**?

---

<sup>5</sup> Monturo, nº 1.

<sup>6</sup> Esta citação foi retirada de um texto fornecido pela professora com leitura de uma disciplina do curso de pós-graduação na UFSC. Foi publicado originalmente em inglês.

A resposta para essa pergunta não é tão simples uma vez que temos em mãos dez volumes da revista e com eles muitos nomes como Glauco Mattoso, Gary Snyder, Francis Ponge, Jerome Rothenberg, Paulo Leminski, Vitor Ramil, Alice Ruiz, Pedro Xisto, para ficarmos apenas nos nomes trazidos nos editoriais, pois a revista também publica traduções (algumas inéditas em Língua Portuguesa como o texto *Nove meses em Paris* de Néstor Perlongher), autores inéditos, em fase inicial ou já publicados com miniantologias (Marcos Losnak, Mario Henrique Domingues Élson Froés, Jussara Salazar, Joça Reiner Terron, Ricardo Aleixo, Maurício Arruda Mendonça); autores de prosa e inéditos como Marília Kubota, Marcelo Montenegro. Dessa forma, a proposta desse trabalho é analisar, ainda que passageiramente, alguns nomes apresentados nos editoriais da revista.

### Meios...

**Medusa** começa a trilhar seu caminho apresentado na capa “Cabeça de **Medusa**”, de Caravaggio. O poeta que abre a revista é Glauco Mattoso – poeta com idéias provocadoras, transgressor, relacionado com a contracultura, indigesto por boa parte da crítica, mas um grande intelectual de tradição satírica e humorista. Com isso, seguindo a orientação de Derrida quando este fala sobre o “mal de arquivo” por meio de uma reflexão sobre Freud, a revista elege seu *exergo*. Com Glauco, a revista demonstra como irá se comportar em seus outros volumes e fortalece o que postulou no seu primeiro editorial, propondo “pensar questões como as dos discursos ‘oficiais’ e dissidentes, dos conteúdos globais e regionais. Uma cabeça com muitas cabeças, tendendo, naturalmente, para a interdisciplinaridade, para o princípio coletivo em plano poético.”<sup>7</sup> Derrida alerta que todo arquivo é ao mesmo tempo instituidor e conservador. Revolucionário e tradicional. **Medusa** é instituidora por dizer que o poeta é dissidente, conservadora por elencá-lo para a formação de seu arquivo, revolucionária porque é um poeta pouco circulado devido a sua produção e tradicional porque propõe uma tradição a partir da dissidência a exemplo do que ocorria com as revistas modernistas e/ou tropicalistas.

---

<sup>7</sup> Revista *Medusa*, nº1.

Assim, compreender o processo de construção de um arquivo por uma revista demanda atenção a alguns aspectos como seu nome, os temas a serem abordados, a imaginação, loucura, sensibilidade estética dos editores e seu processo de construção. Esse talvez seja o ponto principal para entender em que **Medusa** se diferencia das outras. Ricardo Corona, o principal articulador dessa revista, não apenas por ser o líder, mas porque é o autor que mais publicou textos nela, dentre críticas e poemas, comenta o surgimento da revista, explanando sobre o diferencial da revista em entrevista para o site “A garganta da serpente”(um site que se destina a publicar novos poetas, conversas sobre poesia, tendo como um dos articuladores Rodrigo de Souza Leão):

Ela(a revista) foi criada em parceria com a artista plástica Eliana Borges e os poetas Ademir Assunção e Rodrigo Garcia Lopes. Lembro-me de quando nos reunimos aqui na minha casa, em Curitiba, onde discutimos o projeto poético e artístico de Medusa. Isso depois de centenas de emails e telefonemas. Um quebra-pau danado. Lembro-me também que tinham três nomes na mesa. ‘Calibán’ (depois saiu uma revista carioca com esse nome) sugerido por Rodrigo. ‘Canibal’ por Ademir, e ‘Medusa’ por mim. Quando o núcleo editorial da revista estava formado, fizemos uma votação e ‘Medusa’ ganhou. [...] Conheço algumas revistas que já no título entregam sua baixa auto estima. Medusa não. Medusa é uma mulher com cabeças de serpentes! É um mito forte, polêmico, feminino e que teve seu nascimento vaticinado pela coragem de blasfemar. [...] A cada edição ‘petrificamos’ um poeta recente, com miniantologia de sua produção, o que significa mostrar densidade contra a idéia de ecletismo que corriqueiramente tem-se apresentado por aí, com mosaicos de poetas e poemas. Na revista, esse conceito também se manifesta nas grandes angulares (também chamamos ‘dossiês’) que costumamos fazer com determinado artista que tenha uma obra extensa e ainda pouco difundida. Neste caso, apresentamos uma miniantologia de seu trabalho, ao lado de entrevista, ensaio e fotos. Enfim, ‘petrificamos’ criticamente o trabalho/pensamento/processo de criação de determinado artista.

“Densidade contra a idéia de ecletismo”. Este é um ponto relevante porque encontramos aqui uma diferenciação que o editor faz entre multiplicidade e diversidade.

Em **Medusa**, o conceito de diversidade consiste em demonstrar o que existe de denso e diverso e não em ser eclético e congregar todas as manifestações que o cenário artístico dispõe. Os editores selecionam de acordo com suas afinidades e tentam compor outro cenário. Será pela decisão de compor um panorama da arte diferente dos já traçados pela academia ou por outras revistas que não encontraremos textos de autores canônicos como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Guimarães Rosa. Entretanto, encontraremos textos de Leminski, Haroldo de Campos, embora estes também já tenham resguardado seu espaço na literatura brasileira, nas graças críticas. A diferença em relação às outras publicações é que a seleção dos textos dos autores privilegia os que foram pouco ou nunca publicados, então, dessa forma, a revista não se repete com o mais do mesmo, não garante a permanência dos seus arquivos pelas certezas críticas já fixadas pela academia.

Voltando para o primeiro volume da revista, temos como poemas de Glauco Mattoso escolhidos:

“Cagar no horário de  
trabalho é um dos direitos  
o trabalhador. A cagada  
remunerada é a única maneira  
de imaginar que a nossa  
força de trabalho vale  
alguma coisa”

Infierno de mierda

no país onde judas perdeu a bota  
se come o pão que o diabo amassou  
em terra de cego quem tem um olho

vê que o rei está nu  
que tem medo tem cu  
cada qual come o que caga  
quem não mijá fora do copo  
e não cospe fora do prato  
vai pro céu

*De Línguas na papa (1982)*

Com esses poemas, os editores revelam um pouco da escolha por temas políticos, a falta de pudor em publicar textos com palavras que estão longe das torres de marfim. Um texto com expressões populares, palavras do cotidiano e a projeção dele através da ironia. Sobre esta questão, num ensaio feito a três mãos e publicado na revista fica ainda mais claro o projeto desta:

Os poetas incluídos neste Medusário, em nossa opinião, longe de estar confinados a torres de cristal, manipulando poemas com luvas brancas, são alguns dos que aceitam encarar os desafios lançados por este contexto sobre a arte da linguagem. Sem pretender traçar um amplo panorama da poesia brasileira contemporânea, apresentamos aqui um corte, entre outros possíveis, que tenta revelar a riqueza a radicalidade da produção atual, apontando caminhos instigantes para a nova literatura brasileira.<sup>8</sup>

Por essa afirmação, podemos concluir que a poesia, para o editores, está além do simples fazer. A poesia é uma atitude, forma de vida e, em seu segundo volume, **Medusa** apresenta o poeta Gary Snyder, antropólogo, montanhista, ecoativista, indigenista, agricultor, professor, nascido na Califórnia em 1930, expoente da geração *beat*. Geração de artistas e poetas que teve como um pilar ideológico a luta contra o consumismo. Além de viverem durante o auge da guerra fria e a repressão moralista que ocorreu principalmente nos Estados Unidos. A geração *beat* foi um movimento

---

<sup>8</sup> Citação retirada de um texto escrito a três mãos no volume 7 da revista, pgs. 12-17.

representado também por Allen Ginsberg, Jack Kerouac, William Burroughs, dentre outros.

Esse mesmo princípio de poética enquanto forma de vida tem continuidade nos outros números da revista. Encontramos a poesia de Francis Ponge no quarto volume da revista. É publicada uma seleção de seus poemas com o cuidado de um *arconte* em versão bilíngüe, com a bela chamada “Francis Ponge : minha pátria é o mundo mudo”. São poemas que mostram o poeta cuidando dos objetos-palavra, cuidando para que eles revelem sua beleza. Ponge, cuja poesia está situada na concretude densa das coisas, afirma

Cada palavra é uma coluna do dicionário, é uma coisa que tem uma extensão, mesmo no espaço, no dicionário, mas é também uma coisa que tem uma história, que mudou de sentido, que tem uma duas, três, quatro, cinco, seis significações. É uma coisa espessa, contraditória freqüentemente, como uma beleza do ponto de vista fonético, essa beleza do ponto de vista fonético, essa beleza das vogais, das sílabas, dos ditongos, essa música.<sup>9</sup>

E, do objeto-palavra encontrado no quarto volume, a revista passa para a poesia-ritual com o poeta, professor, editor, *performer* e tradutor Jerome Rothenberg em sua quinta edição. **Medusa**, em seu editorial, insiste novamente na liberação da poesia em sua condição de prática a ser realizada por todos, seja através de sua leitura ou de sua escrita e remonta o pensamento proposto por Rothenberg em entrevista feita por *email* sobre a etnopoética: “uma tentativa de investigar numa escala transcultural o alcance das possibilidades da poesia que não só haviam sido imaginadas como praticadas por outros seres humanos”.

A revista repensa este conceito em seu editorial da seguinte forma:

A poesia – uma das nossas linguagens mais antigas – merece ser ritualizada, colocada à disposição do ser humano, libertando-se dos especialistas. Assim, somente assim, estaremos nos reinventando e abarrotando de conteúdos nossos meios tecnológicos triunfantes. O

---

<sup>9</sup> *Medusa* nº4, p.3

xamã deixa que o texto viva no corpo da tribo. Poetas-xamãs para o terceiro milênio, enfim.<sup>10</sup>

Poesia como forma de vida: nos poetas citados até o momento neste texto encontramos esse discurso e, embora pertençam a gerações diferentes, porém não tão distantes, fazem com que seja percebido um traço escolhido pela revista e que remonta o dizer de Octávio Paz sobre transformar a vida em poesia:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças.<sup>11</sup>

Poesia: conversa com o pensamento, no dizer de Heidegger<sup>12</sup>, nesta troca para que os mortais aprendem novamente a morar na linguagem, um contínuo do dizer, pingando aos poucos em cada texto, construindo a revista, o casulo-texto revelando o mundo em que vivem os editores, o mundo pelo qual transitam suas idéias, suas afinidades eletivas e uma delas, a que acompanha quase todos os volumes, aparece em destaque no sexto volume: o poeta Paulo Leminski, com o título “Leminski: o bandido que sabia latim”.

Em uma indexação feita pelo NELIC (Núcleo de Estudos Literários e Culturais vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina), Leminski aparece enquanto o poeta mais citado o que revela a sua importância para os editores. Não é demais ressaltar que Leminski é curitibano, cidade em moram os editores, mas esse não é um fato para ser levado em consideração em termos de regionalismo, pois Paulo Leminski ultrapassou “barreiras” de estado

---

<sup>10</sup> *Medusa* nº5, p.3

<sup>11</sup> Paz, Octávio. *O arco e a lira*, p.7

<sup>12</sup> Heidegger, Martin. *A caminho da linguagem*.

e teve reconhecimento crítico nacional. Ricardo Corona, no editorial do sexto volume da revista, discorre sobre Paulo Leminski: “é tanta vida nessa literatura, que não é demais afirmar que Leminski está vivo entre nós, através de seus textos e idéias, cujo legado é – e será sempre – uma referência”.

Leminski brincou com a língua, linguagem, morou nela, escreveu sem medo, e **Medusa** captou sua importância para a poesia brasileira e por isso fez dele outro pilar: “de personalidade forte, polêmica, divertida, o inventor da teoria do inutilismo para a poesia, ironicamente, tornou-se hoje (vida e obra) de uma utilidade radical.”

No sétimo e oitavo volume da revista, **Medusa** apresenta dois letristas importantes do cenário contemporâneo: Vitor Ramil, o payador universal e Alice Ruiz e sua lira com cordas de hai-kai.

A estética do frio, criada por Vitor Ramil, é apresentada por **Medusa** como uma metáfora que extrapola a experiência singular do artista, para espelhar, ainda mais, a rica e polimorfa cultura brasileira. Um imaginário disponível que, à medida que é tocado, vai se tecendo e se dilatando igual cinema.

Alice Ruiz, aquariana com ascendente em Áries, curiosa de religiões, mãe, estudiosa do comportamento humano, entre outras dedicações à vida, aparece com seus textos como quem “faz-se um veículo deles”. Quanto ao haicai Alice pensa que essa forma de poesia poderia ser pensada enquanto “uma religião, no sentido de ser uma das gratas possibilidades de se chegar ao satori.”

Vento seco  
Entre os bambus  
Barulho d’água

Outro exemplo da poesia de Alice Ruiz publicado por **Medusa**:

enchemos a vida  
de filhos  
que nos encham a vida

um enche de lembranças  
que me enchem  
de lágrimas

uma me enche de alegrias  
que me enchem minhas noites  
de dias

outro me enche de esperanças  
e receios  
enquanto me incham  
os seios<sup>13</sup>

Com poemas como este que Alice Ruiz é apresentada ao leitor. Poemas com palavras afinadas, móveis, deambulando no seio materno e social, palavras que enchem a revista do que refletiu Blanchot se utilizando de Mallarmé:

A poesia não responde ao apelo das coisas. Ela não está destinada a preservá-las, nomeando-as. Pelo contrário, a linguagem poética é a maravilha de transpor um fato natural para seu quase desaparecimento vibratório. O acaso será vencido pelo livro se a linguagem, indo até o extremo de seu poder, atacando a substância concreta das realidades particulares, não deixar mais aparente senão o conjunto das relações existentes em tudo. A poesia se torna então o que seria a música, se reduzida à sua essência silenciosa: um andamento e um desdobramento de puras relações, isto é, a mobilidade pura.<sup>14</sup>

A feitura poética voltada para os encontros entre a mobilidade do som e a mobilidade da palavra acompanha a revista em outros exemplares. São publicados poetas que mantêm essa investigação da palavra-som, como Ricardo Aleixo. É possível verificar esses encontros nos poemas de Jim Morrison. Em ensaio sobre Jim Morrison, Corona conclui que “Neste tempos de

---

<sup>13</sup> *Medusa*, nº 8.

<sup>14</sup> Blanchot, Maurice. *O livro por vir*, p.330

suspiros arcaicos (eta palavrinha...), tomar contato com um poesia que erice os pêlos e cause confusão entre “bom” e “ruim” – no material poético e também no comportamento – é como chafurdar na súcia neoconservadora, apontando que o ruim e o suspeito, na verdade, estão na traição de não se levar adiante liberdades já conquistadas.”<sup>15</sup>

Em seu nono volume, **Medusa** traz Pedro Xisto e o apresenta como um dos poetas mais representativos da vanguarda brasileira. Não há discussões sobre a vanguarda, esta parece até uma palavra distante da revista. Traz poeta e trabalho enquanto esquecidos ou não tão bem valorizados pela crítica. Logo Pedro Xisto, também gravurista, “o que lhe somava um conhecimento especial dos materiais ‘extrapoéticos’ e lhe permitia não somente conceber visualmente, mas realizar todas as etapas da maioria de seus poemas e livros”. Xisto que com a construção ímpar do poema é quem desvirtua o significado; Xisto do poema “Zen” construção perfeita, conjunção perfeita do que afirma Blanchot, do que silencia, do que nada diz:

A linguagem só começa com o vazio; nenhuma plenitude, nenhuma certeza fala; para quem se expressa falta algo essencial. A negação está ligada à linguagem. No ponto de partida, eu não falo para dizer algo; é um nada que pede para falar, nada fala, nada encontra seu ser na palavra, e o ser da palavra não é nada. Essa fórmula explica por que o ideal da literatura pôde ser este: nada dizer, falar para nada dizer.<sup>16</sup>

O último número de **Medusa** é o balanço do projeto. Nele, a idéia de que a revista conseguiu trabalhar com a densidade contra a diversidade é estampada no editorial. Faz questão de citar os nomes que passaram na revista. Conclui enfática: *Medusa escancara a vitalidade da produção poética e artística brasileira atual*

### Quase fins:

---

<sup>15</sup> *Medusa*, nº9

<sup>16</sup> Blanchot, Maurice. *O livro por vir*, p. 312

**Medusa** é uma revista com um cuidado plástico interessante, é vistosa, os textos nela publicados ganham uma superfície repensada. Não apresenta o mais do mesmo e se mantém fiel ao pensamento de densidade contra o ecletismo e diversidade contra a multiplicidade.

**Medusa** agrupa poetas centenários com a geração surgida na década de 90 e não levanta bandeiras contra ou a favor de qualquer novo movimento literário existente esperando ser nomeado pela crítica.

**Medusa** está longe de trazer a academia para tornar mais sério seu discurso.

**Medusa** se desfaz do acadêmico e pensa a arte com a própria arte, a poesia com a própria poesia e nisso observamos o cuidado plástico dado aos textos, a nova superfície, o novo corpo que tanto serve como produto reembalado, como outra concepção estética para o texto.

**Medusa** inclui mitos da cosmogonia Nivacle, etnia indígena do Chaco paraguaio, mitos indígenas brasileiros, poemas de Laura Riding, Jim Morrison, do *ex-poeta* Sebastião Nunes. Vai ao encontro do que diz Susana Scramim:

Ao mesmo tempo em que se submetem às contingências da hipertrofia global do excesso de memória que produz uma experiência na qual o 'agora' se duplica criando as formas da recordação e a sensação do já vivido, as revistas empenham-se na tentativa de libertarem-se da clausura da memória moderna que produz paralisia e desencanto.<sup>17</sup>

**Medusa** levou em consideração várias produções poéticas e se debruçou sobre elas, atenta ao cenário artístico não restrito aos fazedores de poemas. Sincrônica, na forma em que Cláudio Daniel apresentou a arte no início do século XXI:

Mas não podemos falar de movimento, já que inexistem manifestos, ensaios teóricos ou a defesa, em bloco, das mesmas teses normativas. Além disso, temos de levar em conta as diferenças de dicção, paleta cromática e mitologia pessoal entre eles. Podemos

---

<sup>17</sup> Scramim, Susana. In. Inimigo Rumor nº 15

falar, talvez, de um *espírito de época*. Nesse sentido, é importante notas que os poetas da nova geração, muitas vezes sem terem contato uns com os outros, obtiveram resultados similares pela coincidência de leituras e pesquisas formais; podemos falar então em sincronicidade.<sup>18</sup>

**Medusa** apresentou artistas plásticos como Paulo Climachauska, Newton Gotto, Márcia Leon, Carlos Bevilacqua, Vicente de Mello, Jarbas Lopes, Alex Cabral, Lina Kim, Francisco Faria, Débora Santiago, Yiftah Peled, Ernesto Neto, Larrissa Franco, Eduardo Kac, dentre outros, contribuiu para uma perspectiva panorâmica de investigações nas artes plásticas no âmbito brasileiro e mundial.

**Medusa** mantém atento o leitor de que o pensamento sobre vanguarda ou poesia já modificou e os poetas, os mais interessados, já trabalham com os novos conceitos ou práticas desenvolvidos por eles. Conceitos tímidos para os críticos e, ao mesmo tempo, tão significativos para os poetas.

**Medusa**, casulo do tempo preparado por *arcontes*, penhora ao futuro a arte, os caminhos da crítica.

**Medusa**, diferenciada de outras revistas por seu fim previsto, estabeleceu novos parâmetros para se pensar revistas literárias.

#### Referências:

BARBOSA, Frederico & DANIEL, Cláudio (org), Barbosa. **Na virada do Século** –Poesia de Invenção no Brasil. São Paulo: Landy editora, 2002.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**; tradução de Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. O livro por vir. Tradução Leila Perrone-Moisés –São Paulo: Marins fontes, 2005.

CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. **Atividade crítica e periodismo cultural no Brasil contemporâneo**.

CÉSAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Ática, 1999.

---

<sup>18</sup> Daniel, Cláudio. **Na virada do Século** –Poesia de Invenção no Brasil, p.24

CORONA, Ricardo. Entrevista concedida a Rodrigo de Souza Lopes para o site “A garganta da serpente”: [www.agargantadaserpente.blogspot.com](http://www.agargantadaserpente.blogspot.com). Acesso em 14/01/2008.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo** – Uma impressão freudiana; tradução, Cláudia de Moraes Rego. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica cultural em ritmo latino. In: MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro. Literatura/política/cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG,

2005. p.239-249. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>. Acesso em 21/07/2008.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. ; tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

MEDUSA – Revista de poesia e arte. Números um a dez.

MONTURO. Número um. Primeiro semestre de 1998.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SCRAMIN, Susana. **Cápula do tempo**. In: Inimigo Rumor. 2º Semestre de 2003. Nº 15.

SIBILA – Revista de poesia e cultura. Ano 1. n. 0 2001.

VIRNO, Paolo. **El recuerdo del presente** – ensayo sobre el tiempo histórico. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2003.